

LA GALERIE



A N A

J O R G E

Businesswoman ISSUE

Editor Director **Anthenor Neto**

Fashion Director **Carol Oliveira** Photography **Jess Pauletto**

Fashion Editor **Raquel Lionel** Beauty **Vinicius Vilas Boas**

03



Interview

Iftekhar Noor Shaon

A poesia que se veste, a memória que permanece

Iftekhar Noor Shaon, designer e poeta nascido em Bangladesh e atualmente baseado em Paris, enxerga a moda como gesto íntimo e político. Fundador da One Thousand Poets, Shaon cria roupas que não se limitam à função estética: elas são memória, poesia e reflexão encarnadas no corpo.

Suas coleções exploram os limites entre ornamento e cicatriz, tradição e experimentação, infância e amadurecimento. Em Bezni, transforma as pulseiras usadas por sua mãe, avó e tias em esculturas e estruturas, revelando a intimidade invisível dos objetos que habitam o corpo. Já em Our Body Doesn't Fit Into Our Childhood Anymore, mergulha na nostalgia da infância e na dor de crescer, criando peças que funcionam como poemas vestíveis.

Combinando artesanato ancestral, experimentação escultórica e narrativa poética, Shaon transforma a moda em linguagem — uma forma de contar histórias que ressoam além da roupa e atravessam o tempo, a memória e o afeto.

A poesia foi sua primeira linguagem criativa. Como você traduz algo imaterial em tecido, forma e corpo sem perder sua essência?

A poesia foi o primeiro meio através do qual aprendi a dar forma ao meu mundo interior. Ela me permitiu traduzir sentimentos que eram abstratos demais para serem expressos. Quando nos deparamos com um poema, seu significado não é fixo; ele só se revela quando trazemos nossa própria reflexão.

Escrevi meu primeiro poema no primeiro aniversário de morte do meu pai. Veio naturalmente, sem esforço, e precisei registrá-lo em um pedaço de papel. Olhando para trás, não acho que foi um bom poema, mas foi aquele que me iniciou — e desde então continuo escrevendo.

Encontro poesia em quase tudo — de um grão de arroz ao sol. Não limito a poesia a palavras ou alfabetos nas minhas roupas. O tecido torna-se meio de expressão, assim como as palavras constroem um poema. A forma é a silhueta, e o corpo se torna o portador. Minhas roupas são poemas que você pode vestir.



Interview

Em Bezni, as pulseiras se tornam memória, dor, afeto e estrutura. Onde você traça a linha entre ornamento e cicatriz em suas criações?

Bezni é minha primeira coleção, dedicada à minha mãe e a uma memória que compartilho com ela. Quando criança, adorava descansar minha cabeça no braço dela enquanto dormíamos, e suas pulseiras às vezes deixavam marcas no meu rosto pela manhã. Essa pequena marca tornou-se uma lembrança duradoura — que me ensinou como os ornamentos podem carregar mais do que beleza superficial. Para mim, a linha entre ornamento e cicatriz não está na dor, mas em como a beleza pode deixar uma marca eterna.

Com o tempo, percebi como as pulseiras carregam camadas de intimidade. Ornamentos vivem tão próximos ao corpo que formam uma relação privada com a pele. Para essa coleção, criei uma escultura usando pulseiras de latão usadas por muitos anos por minha mãe, minhas tias e minha avó. Elas foram cortadas, abertas e viradas do avesso — expondo o lado que normalmente permanece invisível, revelando sua química.

Costumamos admirar apenas a superfície decorada, mas me interessa o que acontece por baixo: o atrito constante contra a pele, os traços silenciosos que permanecem, a beleza que muitas vezes passa despercebida. Trata-se de tornar essa intimidade visível — transformando ornamento em memória, e memória em estrutura.

Sua moda muitas vezes parece uma arqueologia íntima. Como transformar memórias pessoais em uma linguagem universal sem diluí-las?

As pessoas se conectam com uma obra através do reconhecimento — quando algo nela silenciosamente as reflete. Acredito que, se você cria um trabalho honesto, ele se torna universal por si só. Pela honestidade, as pessoas se veem refletidas, porque como raça humana compartilhamos quase todos os tipos de emoção, apenas em momentos diferentes da vida.

Quando alguém vê meu trabalho, pode não se identificar com tudo, mas certos fragmentos permanecem com essa pessoa — assim como em uma música, nem todos os versos nos tocam, mas alguns ficam para sempre.

Você já disse que não vê “clientes”, mas uma “audiência participativa”. Como imagina essa audiência diante do seu trabalho — eles vestem ou contemplam?

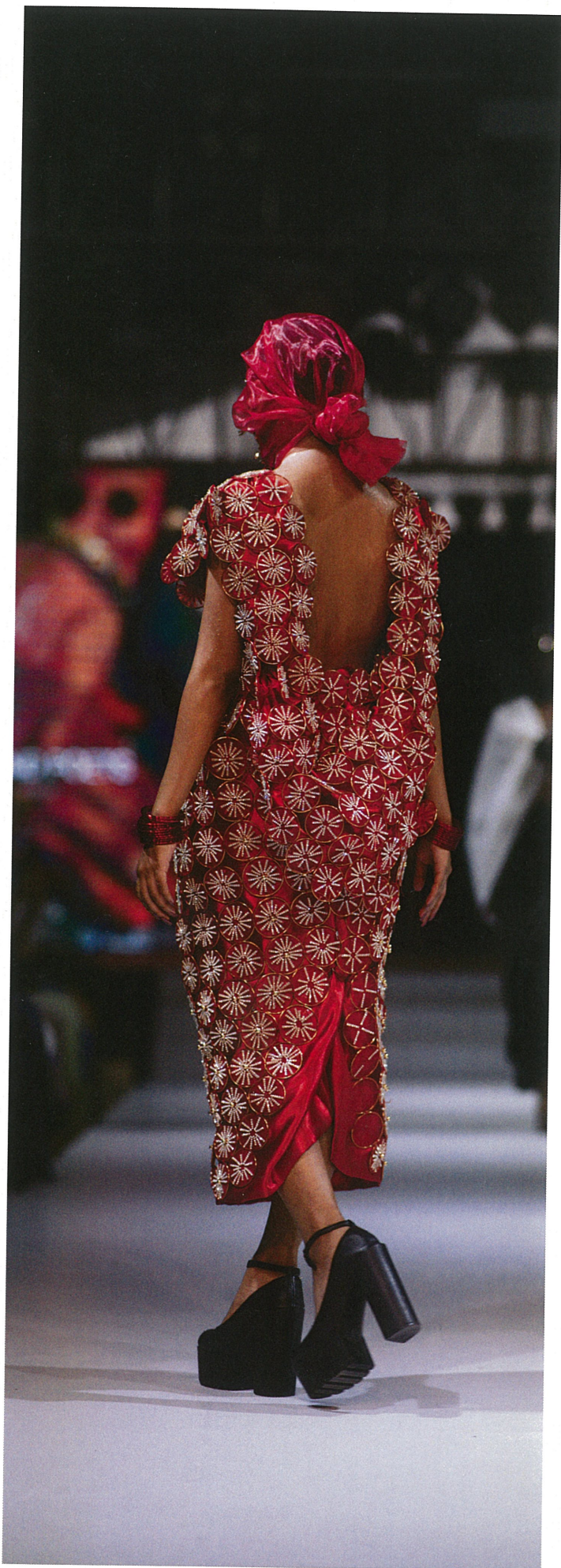
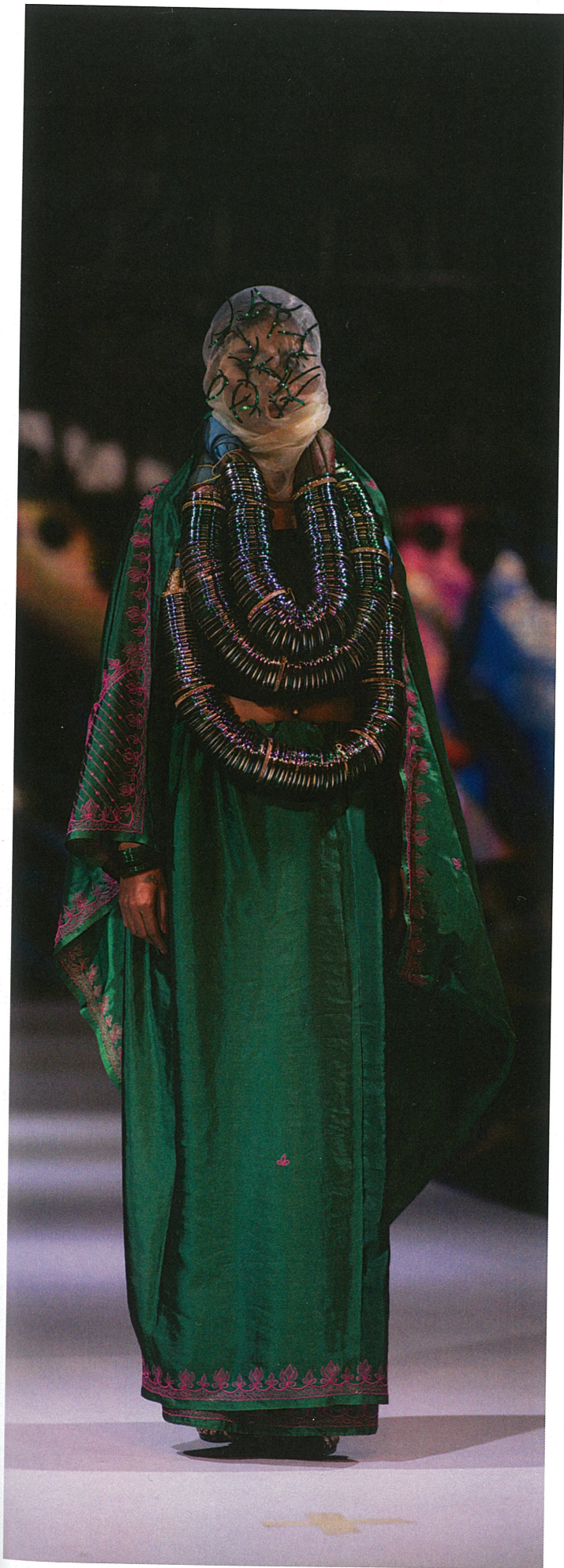
Toda peça de roupa ganha vida através do corpo que a veste. Você pode se conectar com meu trabalho apenas ao vê-lo, ou pode vesti-lo e sentir sua essência — tornando-se parte dele. Quando descobri McQueen, senti uma conexão profunda mesmo sem vestir suas criações. Apenas vê-las online, em uma tela pequena, já provocava algo em mim. É assim que uma obra deve ser.

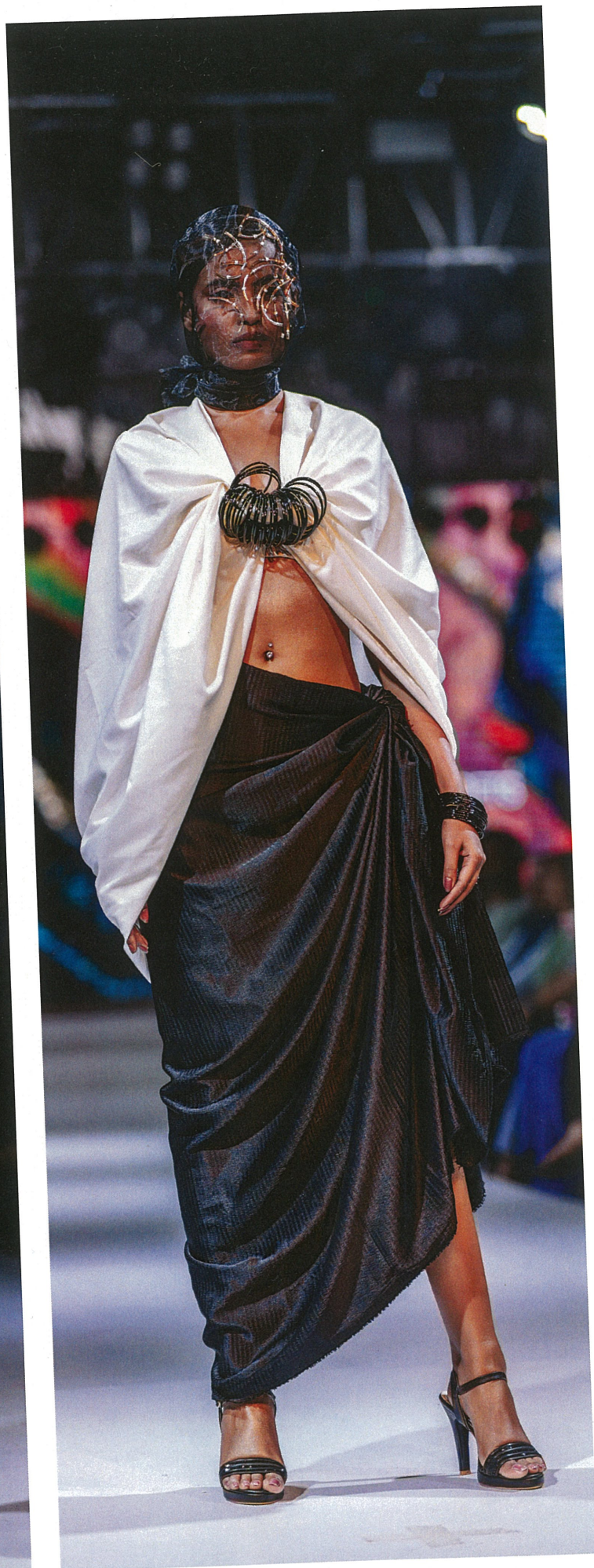
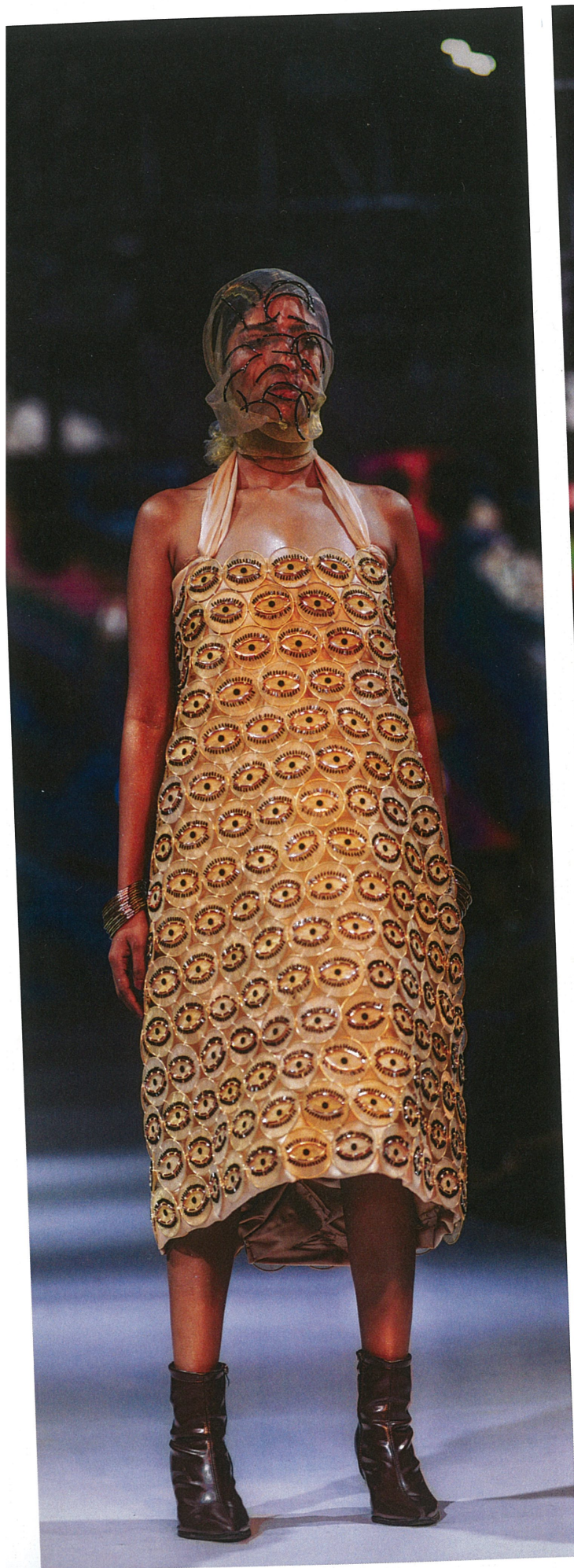
Mesmo quando minhas roupas não estão sendo usadas, quero que tenham independência como objetos. Mas sua beleza se aprofunda quando tocada pelo corpo humano. Cada peça carrega sua presença própria, mas só se completa quando ganha movimento. O público é participativo — depois de observar a peça, ele a habita, interage com ela e a traz à vida. A roupa oferece sua identidade, mas o corpo acrescenta a sua, criando um diálogo único a cada vez.

Em seu processo, o corpo é tela ou protagonista? Em que momento uma peça deixa de ser roupa e se torna performance?

Para mim, o corpo é ambos: tela e protagonista. É tela porque as roupas são moldadas para interagir com sua forma, mas é também protagonista, pois sua postura, movimento e presença dão vida à obra.

Uma peça deixa de ser apenas roupa e se torna performance quando o ato de vestir se transforma em expressão. Um vestido projetado para fluir dramaticamente ao andar, ou um casaco que restringe movimentos para evocar tensão, podem transformar o vestir em performance. Consciente ou inconscientemente, todos participamos disso. Nesse jogo entre corpo, objeto e intenção, a moda transcende a utilidade e se torna arte performática.





Sua prática combina artesanato ancestral e experimentação escultórica. O que significa para você dar nova vida a tradições que poderiam se perder?

Costumo retornar ao passado — aos materiais, formas e gestos com os quais cresci. Muitos dos meus primeiros contatos com o artesanato vieram de casa, observando minha mãe e minhas avós transformarem materiais comuns em objetos de beleza.

Nasci e cresci em Sreemangal, Bangladesh, um lugar rico em heranças artesanais. Sinto responsabilidade de manter essas práticas vivas em contextos contemporâneos. Incorporando esses elementos em meu trabalho, busco não apenas honrá-los, mas reinterpretá-los pela minha linguagem criativa.

Um exemplo é uma peça que minha avó fez: um tapete de parede usando pulseiras antigas cobertas de tule, conectadas em formas intrincadas, que ficou anos na sala de nossa casa. Esse gesto inspirou Bezni, onde utilizei a mesma técnica. Ao longo do tempo, senti que aquela peça original queria evoluir, e me vejo como um meio pelo qual essas tradições encontram nova vida.

Our Body Doesn't Fit Into Our Childhood Anymore explora a perda da inocência e o desconforto de crescer. Como a moda pode traduzir emoções invisíveis, quase indizíveis? Assim como pintura ou escultura podem expressar o indizível, a moda também pode ser esse idioma. Para mim, é como reconstruir um sonho esquecido ao acordar: você começa com fragmentos, e aos poucos vai lhe dando forma.

Essa coleção é sobre o poder nostálgico da infância e o processo de crescer — como deixamos coisas para trás, mas ainda as carregamos. Inspirada em autômatos, traz peças que se transformam com o movimento, como um parque de brincadeiras para o corpo. Será apresentada em Paris, em outubro, num pop-up em colaboração com uma marca de tecnologia de moda.

Entre Bangladesh e Paris existem dois universos culturais distintos. O que permanece inalterado em sua estética, onde quer que você crie?

O que permanece constante em minha prática é a honestidade. Não consigo criar apenas por criar — assim como um poema não pode ser forçado. Embora meu entorno influencie referências, a essência estética não muda. Está enraizada na sinceridade e na verdade.

Bangladesh molda minhas memórias; Paris alimenta minha imaginação. O diálogo entre esses mundos define meu olhar como artista.

One Thousand Poets soa menos como uma marca de moda e mais como um manifesto. Você a vê como marca ou como projeto artístico?

One Thousand Poets é um universo em construção. O nome carrega a energia de mil poetas — imagino o poder dessa coletividade.

A moda está no centro, mas não se limita a roupas. É um espaço de experimentação multidisciplinar. Pretendemos lançar um zine semestral em 2026, reunindo poetas e fotógrafos do mundo inteiro, para explorar roupas e corpo como interações — não apenas estética.

É uma marca, mas também é um manifesto artístico.

Em seu trabalho há beleza, mas também inquietação. Para você, qual é o verdadeiro papel da moda hoje: embelezar, provocar ou transformar?

A beleza importa, mas não precisa ser o centro da moda. Acredito que a moda deve provocar pensamento, evocar memórias, transformar percepções.

As roupas são objetos que armazenam lembranças. Vestidas no cotidiano, elas carregam o corpo daquele dia. Roupas de infância nos lembram do que deixamos para trás; roupas de entes queridos prolongam sua presença. O corpo já é belo por si só — a roupa apenas o emoldura.

Interview

Iftekhar Noor Shaon

Poetry Worn, Memory Preserved

Iftekhar Noor Shaon, a Bangladeshi-born designer and poet now based in Paris, approaches fashion as both an intimate and political gesture. Founder of One Thousand Poets, Shaon creates garments that move beyond aesthetic function: they are vessels of memory, poetry, and reflection, embodied through the body itself.

His collections explore the fragile lines between ornament and scar, tradition and experimentation, childhood and maturity. In *Bezni*, he transforms bangles once worn by his mother, grandmother, and aunts into sculptural structures, exposing the invisible intimacy of objects that live against the skin. In *Our Body Doesn't Fit Into Our Childhood Anymore*, he delves into the nostalgia of childhood and the discomfort of growing up, shaping garments that behave like wearable poems.

Blending ancestral craftsmanship, sculptural experimentation, and poetic narrative, Shaon transforms fashion into language — a way of telling stories that reach beyond clothing and resonate across time, memory, and intimacy.

Poetry was your first creative language. How do you translate something immaterial into fabric, form, and body without losing its essence?

Poetry was the first medium through which I learned to give shape to my inner world. It allowed me to translate feelings that were too abstract or fragile to express. When we encounter a poem, its meaning is not always fixed; it unfolds only when we bring our own reflection into it.

I wrote my first poem on my father's first death anniversary. It came to me very naturally, without effort, and I had to write it down on a piece of paper. Looking back, I don't think it was a good poem, but it was the one that got me started — and I've continued to write ever since.

I find poetry in almost everything — from a grain of rice to the sun itself. I don't limit poetry to words or alphabets in my garments. The fabric becomes a medium of expression, just as words construct a poem. The silhouette is the form, and the body becomes the carrier. My garments are the kind of poems you can wrap around your body.

In *Bezni*, bangles become memory, pain, affection, and structure. Where do you draw the line between ornament and scar in your creations?

Bezni is my first collection, dedicated to my mother and a memory I share with her. As a child, I loved resting my head on her arm while we slept, and her bangles sometimes left imprints on my cheeks by morning. That small trace became a lasting memory — one that taught me how ornaments can hold more than surface beauty. For me, the line between ornament and scar is not about pain, but about how beauty can leave an enduring mark.

Over time, I began to see how bangles themselves carry layers of intimacy. Ornaments live so close to the body that they form a private relationship with the skin. For this collection, I made a sculpture using bangles worn for many years by my mother, her sisters, and my grandmother. Made of brass, they were cut, straightened, and turned inside out — exposing the side that usually remains unseen, revealing their chemistry.

We often admire the decorated surface meant for the eye, but I am interested in what happens beneath: the constant friction against the skin, the silent traces that remain, the beauty that often goes unnoticed. It is about making that intimacy visible, transforming ornament into memory, and memory into structure.

Your fashion often feels like an intimate archaeology. How do you turn personal memories into a universal language without diluting their subjectivity?

People connect with a work through recognition — when something in it quietly reflects them back. I believe that if you create an honest work, it becomes universal on its own. Through honesty, people see themselves, because as a collective human race, we share almost every kind of emotion, just at different stages of life.

When people see my work, they may not find everything relatable, but certain parts stay with them — just like you may not connect with all the lines of a song, but the few that resonate with you remain.

You've said you don't see "clients" but a "participatory audience." How do you imagine this audience in front of your work — do they wear it, or do they contemplate it?

Every piece of clothing comes alive through the body that wears it. You can connect with my work by simply seeing it, or you can wear it and feel its essence — becoming part of it. When I first discovered McQueen, I felt a strong sense of connection to his work, even though I wasn't wearing it. Just seeing it online, on a small screen, provoked a feeling in me. That's how powerful a work should be.

Even when my garments are not worn, I want them to hold their independence as objects. But their beauty only deepens when touched by the human body. Each garment carries its own presence, but it truly comes alive through the wearer. The audience is participatory — after observing the piece, they inhabit it, interact with it, and bring it to life. The garment offers its identity, but the wearer adds theirs, creating a unique dialogue every time it is worn.

In your process, is the body a canvas or a protagonist? At what point does a garment stop being clothing and become performance?

For me, the body is both canvas and protagonist. It is a canvas because garments are shaped and designed to interact with its form — but it is also the protagonist, whose movement, posture, and presence bring the work to life.

A garment stops being mere clothing and becomes performance when wearing it transforms into expression. For example, the intent behind wearing a piece — a dress designed to flow dramatically as you move, or a coat that restricts movement to evoke tension — can turn an ordinary act of dressing into a performance. Consciously or subconsciously, we have all been part of this performance. In that interplay between body, object, and intent, fashion transcends utility and enters the realm of performative art.

Your practice intertwines ancestral craftsmanship with sculptural experimentation. What does it mean for you to give new life to traditions that might otherwise be lost?

I often return to the past — drawing from the materials, forms, and gestures I grew up with. Many of my earliest encounters with craftsmanship came from home, watching my mother and grandmothers transform everyday materials into objects of beauty.

I was born and raised in Sreemangal, Bangladesh, a place rich in artisanal heritage. I feel a responsibility to ensure these practices continue to resonate in contemporary contexts. By incorporating elements of these traditions into my work, I aim not only to honor them but also to reinterpret them through my own creative language.

For example, my exploration of bangles began with a wall mat my grandmother made, using old bangles wrapped in tulle, connected in intricate shapes, which hung in our family living room for years. I used this technique directly in Bezni. Over time, it felt as though the original piece wanted to evolve, and I see myself as a medium through which these traditions can find renewed life.

Interview

Our Body Doesn't Fit Into Our Childhood Anymore explores the loss of innocence and the discomfort of growing up.

How can fashion translate emotions that are not visible but psychological, almost unspeakable?

Through painting or sculpture, artists have always built that bridge to convey something unspeakable through their mediums. For me, fashion becomes that language. When I try to shape a psychological thought — a thought without a clear visual — it feels like reconstructing a half-forgotten dream in the morning and giving it details until it forms a story. The idea keeps growing, carried by craftsmanship but also reaching beyond it.

This collection is about the nostalgic pull of childhood and the process of growing up — how we outgrow things but still hold on to them in some way. At its core, it's inspired by automata, with garments that invite play and transform through movement, almost like a playground for the wearer. We'll be presenting it this October in Paris through a pop-up event in collaboration with a fashion tech brand.

Between Bangladesh and Paris lie two very different cultural worlds. What remains unchanged in your aesthetics, regardless of where you create?

What remains constant in my practice is honesty. I cannot create simply for the sake of creating — just as a poem cannot be forced. While my surroundings inevitably shape the thinking and references in my work, the core of my aesthetics does not change. It is rooted in sincerity, in allowing the work to emerge from a place of truth.

Bangladesh shapes my memories, while Paris inspires my imagination and energy. The dialogue between these two worlds shapes the way I see and express myself as an artist.

One Thousand Poets sounds less like a fashion label and more like a manifesto. Do you see it as a brand or as an artistic project?

One Thousand Poets is a universe I'm building, and I want to invite people to be part of it. The name itself carries the essence of a thousand poets — I imagine the power it radiates, like a conference room filled with their collective hum.

Fashion is at the heart of this universe — each garment is a wearable expression of the ideas we explore — yet the brand extends beyond clothes. We experiment with multiple artistic mediums, aiming to create a community centered on creativity and dialogue.

As part of expanding this universe, we plan to launch a semi-annual zine, tentatively set for July 2026, inviting poets and photographers from around the world to contribute work focused on garments and the body — seeing design as interaction, not just aesthetic value.

I guess we are a brand, but not just a clothing brand.

In your work there is beauty, but also unease. For you, what is the true role of fashion today: to beautify, to provoke, or to transform?

Beauty is important, but I don't think it needs to be the central element of fashion today. While aesthetics matter, fashion's role goes beyond the surface — it can provoke thought, evoke memory, and transform perception.

Lately, I've been thinking about how clothes are objects that store memory — they are nostalgic. A garment worn throughout a day collects the bodily sensations of that day. Childhood clothes remind us of how we've outgrown things, yet we still feel a pull toward them; a loved one's garment can carry their presence long after they are gone. Even the clothes we wear now will hold value in ten years, to us. The body is already so beautiful — I simply frame it.

